3 - A cruz absoluta

René Guénon vai meditar sobre a cruz para descobrir seu significado profundo. Em uma única figura, ele observa - e com razão - que ela resume dois termos simétricos que são, por um lado, toda a natureza física e, por outro lado, as realidades transcendentes. Vamos examinar sucessivamente cada um dos dois termos do símbolo cruciforme de acordo com a interpretação de Guénon. Primeiro, vamos ver como a cruz representa, segundo ele, toda a natureza física; então, veremos o que ele entende por "realidades transcendentes".

Para representar o universo, ele considera que não podemos nos contentar com a Cruz histórica de Jesus Cristo porque ela é contingente e, sendo uma figura plana, não abarca todas as dimensões do cosmos. É necessário uma cruz "no espaço".

> "O simbolismo das direções do espaço é exatamente aquele que teremos que aplicar no que se segue... A cruz tridimensional constitui, de acordo com a linguagem geométrica, um sistema de coordenadas ao qual todo o espaço pode ser relacionado; e o espaço simbolizará aqui o conjunto de todas as possibilidades, seja de um ser particular, seja da Existência Universal." (Capítulo IV)

Esta é a cruz sobre a qual a meditação de Guénon se concentrará daqui para frente: um sistema de coordenadas tridimensionais. Ele a chama de cruz absoluta, sugerindo assim que a Cruz de Nosso Senhor é uma "cruz relativa", e observando que o símbolo cruciforme transformado dessa forma possui uma compreensão muito mais ampla do que a cruz plana do Cristianismo. Uma compreensão mais ampla não apenas no espaço, mas também no tempo.

De fato, as três dimensões - altura, comprimento e largura - imediatamente dão origem a seis direções: para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, para frente e para trás. Se, a uma distância igual do centro, marcarmos um ponto esquemático em cada uma dessas três direções, obteremos seis pontos equidistantes de um sétimo ponto central. Os seis pontos representam os seis dias da criação, e o sétimo ponto, no centro, representa o dia de descanso do Criador. Assim, a cruz "no espaço" resume o septenário do tempo, ou seja, a Obra dos Seis Dias completada pelo dia do Sabbat.

Aqui, Guénon não despreza a ajuda de são Clemente de Alexandria, já que ela vai, por enquanto, na mesma direção que a dele:

>

> "De Deus, Coração do universo, partem as extensões indefinidas que se dirigem, uma para cima, outra para baixo, uma para a direita, outra para a esquerda, uma para a frente e outra para trás. Direcionando Seu olhar para essas seis extensões como se fossem sempre um número igual, Deus completa o mundo. Ele é o começo e o fim, o alfa e o ômega; Nele se completam as seis fases do tempo, e é Dele que elas recebem sua extensão indefinida: é o segredo do número sete" (São Clemente de Alexandria).

São Clemente apenas expressa aqui uma verdade cosmológica evidente ao notar que o universo se estende segundo os quatro pontos cardeais complementados pela dimensão vertical. E ele estabelece uma relação entre essa disposição geral do mundo e o pensamento divino. É inegável que encontramos, no universo, uma geometria cruciforme, ou seja, uma geometria tridimensional. Na mente divina, houve "uma ideia de cruz", durante a criação do mundo, conforme estabelecido no espaço e no tempo.

Nesse sentido, a cruz absoluta e metafísica é um bom resumo do universo. Mas ela não nos tira da ordem da natureza. Se a transcende, é mais como uma extensão segundo o mesmo padrão. Ela não a transcende, a estende. Ela não a contém, a perpetua.

Não podemos continuar nossa análise sem observar que agora estamos diante de duas cruzes diferentes: a Cruz simples de Nosso Senhor, que está "no plano", e a chamada cruz "absoluta", que está "no espaço" e pode ser considerada como um múltiplo da cruz simples. Qual das duas é primordial no pensamento divino? A cruz absoluta de R. Guénon ou a cruz simples do Calvário? Qual delas vai simbolizar mais precisamente os três grandes mistérios da Santíssima Trindade, da Encarnação e da Redenção? Qual delas é "o sinal do Filho do Homem"?

A cruz metafísica é capaz de simbolizar o mistério da Santíssima Trindade? Ela não é totalmente inadequada para isso, uma vez que possui três dimensões; no entanto, as posições relativas do Filho e do Espírito Santo não são exatas. Ao contrário, a cruz histórica de Jesus é um símbolo trinitário perfeito. O Pai é representado pelo braço superior. O Filho, que assumiu sua substância da terra, é representado pelo braço inferior, plantado na terra. E o Espírito Santo, que procede do Pai e do Filho, é representado pelo braço horizontal, que ocupa precisamente uma posição intermediária. É esse símbolo trinitário, assim perfeitamente realizado, que reproduzimos quando traçamos o Sinal da Cruz.

A cruz metafísica de R. Guénon é capaz de representar o mistério da Encarnação? Ela representa corretamente o espaço e o tempo do universo no qual o Verbo deve descer; também simboliza algumas abstrações metafísicas como, por exemplo, a união dos complementares. Mas sua significância termina aí; ela representa corretamente apenas as coisas da natureza. Porque é uma figura rotativa, sendo fixada apenas arbitrariamente pelas convenções humanas que determinam o norte; portanto, ela permanece como um símbolo giratório, assim como o cata-vento do qual ela tem forma; podemos transformá-la em uma esfera, como veremos em breve; ela continua sendo um símbolo indiferenciado e é por sua plasticidade que R. Guénon a aprecia. Em resumo, a cruz metafísica é um bom resumo da natureza física e de suas extensões filosóficas. Mas não se deve pedir a ela que lembre a ordem da Graça.

Assim que tentamos fazê-la simbolizar a Encarnação, percebemos sua incapacidade: a terra é representada na cruz tridimensional pelo plano horizontal formado pelos pontos cardeais, enquanto o Logos é representado pelo braço vertical da cruz. É a travessia do plano horizontal pela barra vertical que simboliza a Encarnação; o elemento divino é uma linha e o elemento humano é um plano.

A Cruz histórica de Nosso Senhor figura o mistério da Encarnação de uma maneira muito mais simples, homogênea e magistral, pela interseção dos dois únicos ramos: o vertical representa a natureza divina e o horizontal, a natureza humana. Além disso, é a presença do Homem-Deus na Cruz que lhe confere sua orientação. Esta orientação não é mais uma questão de convenções humanas, mas decorre da escolha divina. A Cruz histórica não é um símbolo que pode ser variado à vontade; não é giratória e indiferenciada; apresenta uma frente e um verso, uma direita e uma esquerda, à imagem do Verbo Encarnado. É Ele quem dá sentido a toda a criação, um "sentido" que a cruz absoluta é incapaz de representar.

A cruz metafísica guenoniana é capaz de simbolizar o mistério da Redenção? Basta observar a cruz tridimensional para fazer uma constatação crucial; ela é inadequada para a crucificação. É impossível pregar um crucificado nos ângulos de um gibão desse tipo; é uma disposição que não convém para isso. Para poder fixá-lo na madeira, é necessário primeiro reconstituir uma superfície plana e, portanto, se livrar completamente de uma das duas dimensões horizontais: a parte da frente porque atrapalha a fixação, e a parte de trás porque não tem mais utilidade nem sentido simbólico. Finalmente, reconstituímos a cruz simples e plana do Calvário.

Se, apesar de tudo, quisermos usar a cruz absoluta para realizar um sacrifício redentor, somos obrigados a subjugar a vítima com cordas, seja nos ângulos, seja em um dos ramos. Mas então, estamos realizando uma pendura. Acabam-se as Cinco Chagas, acaba-se o Precioso Sangue.

Poder-se-á objetar que é possível, em última análise, realizar um sacrifício sem derramamento de sangue, uma vez que é a morte da vítima que é oblata e propiciatória. Mas mesmo nessa hipótese extrema, a cruz absoluta não serve. Em qual das quatro forcas vamos pendurar a vítima? Qual delas tem precedência? Para nos livrarmos do dilema, escolheremos a solução de pendurar quatro vítimas, até mesmo devemos dizer, quatro avatares. E se quisermos apenas uma, não precisamos de quatro forcas. Decididamente, a cruz absoluta não quer um Redentor.

Mas o sistema filosófico e religioso de R. Guénon também não precisa de um Redentor. Ele não o inclui, e a cruz absoluta até mesmo o livra de uma preocupação incômoda.

Agora, medimos a distância que separa a Cruz histórica do divino Mestre, simples de forma e rica de significado, da cruz metafísica giratória e indiferenciada de nosso filósofo. Essa distância aumentará ainda mais quando testemunharmos as mutações da cruz absoluta.

Revision #1
Created 13 June 2024 02:32:37 by Admin
Updated 13 June 2024 02:33:08 by Admin